

# **GRUPO EDUCACIONAL UNINTER**

SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO

Licenciatura em Filosofia



**GEORGE FERREIRA LAU RU: 1383814**

**O Humano do Existencialismo de Kierkegaard em diálogo com o Humano do mundo líquido de Bauman.**

Duque de Caxias, RJ

2020

# **GRUPO EDUCACIONAL UNINTER**

SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL CONECTADO

Licenciatura em Filosofia



**GEORGE FERREIRA LAU RU: 1383814**

## **O Humano do Existencialismo de Kierkegaard em diálogo com o Humano do mundo líquido de Bauman**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia no curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Centro Universitário Internacional Uninter.

Duque de Caxias, RJ

2020

## FOLHA DE APROVAÇÃO

GEORGE FERREIRA LAU

### O Humano do Existencialismo de Kierkegaard em diálogo com o Humano do mundo líquido de Bauman

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Filosofia no curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Centro Universitário Internacional Uninter.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

Componentes da Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Internacional Uninter  
Prof. Mestre Cleber Bianchessi

Faculdade Centro Universitário

\_\_\_\_\_  
Internacional Uninter

Faculdade Centro Universitário

\_\_\_\_\_  
Internacional Uninter

Faculdade Centro Universitário

Duque de Caxias, RJ

2020

**LAU , George Ferreira**  
**RU: 1383814**  
**Orientador: BIANCHESSI, Cleber**

## **Resumo**

Precisamos nos entender como humanos. Em pleno século XXI há uma desconfiança quanto a nossa própria humanidade. Mecanizamos demais, e agora chegamos à era digital. O homem da fluidez manuscrito por Bauman traz o ápice de nossa transformação em mercadoria. Não temos, ao menos, tempo para sentir e crescer com nossas angústias. E, contudo, o homem da angústia que é ao mesmo tempo homem de possibilidade de fé tem muito a nos ensinar. O homem despedaçado e no eterno porvir pode ser algo mais que passa e nunca mais volta, e que nenhuma marca deixa. Podemos ter uma existência para além das angústias, e muito além das redes da virtualidade que sufoca nossa afetividade. É preciso “reencantar” o humano. Pois em breve até mesmo a Filosofia será sufocada pela indústria do agora, e perderá sua potencialidade.

Palavras chaves: Existencialismo – Fluidez – Angústia.

**Abstract:**

We need to understand ourselves like humans. In the 21st century there is a suspicion about our own humanity. We mechanized too much, and now we come to the digital age. The man of fluidity manuscript by Bauman brings the apex of our transformation into merchandise. We don't have at least time to feel and grow with our anguishes. However the man of anguish who is both of possibility of faith has much to teach us. The smashed man and eternal to come may be something else that passes and never come back, and that no mark leaves. We can have an existence beyond the anguish, and much beyond the networks of virtuality that suffocates our affectivity. It is necessary to "reenchant" the human. Because soon even philosophy will be stifled by the industry of now, and will lose its potential.

Key word: Existentialism – Fluidity – Agony

## SUMÁRIO

<b>Introdução:</b> .....	<b>06</b>
<b>Parte I:</b> Um mapeamento do Existencialismo de Kierkegaard.....	<b>07</b>
<b>Parte II:</b> Bauman e a liquidez de um tempo.....	<b>13</b>
<b>Parte III:</b> Uma possível ponte entre o Severino do cemitério e o líquido de Bauman.....	<b>21</b>
<b>Parte IV:</b> Referências bibliográficas.....	<b>25</b>

## Introdução

O caminho percorrido da Filosofia impele ao encontro - o encontro de ideias, a busca da relação, o descamisar propostas e entender outras propostas. De interligar o objetivo árduo, de buscar o entendimento e de alguma forma encontrar lógica e sentido. Sim, a busca humana não é apenas metafísica, mas também metalinguística, entre outras. A relação é algo precioso em Kierkegaard, algo salvaguardado nele. Já em Bauman seria a quebra da relação.

O que nos interessa nessa pesquisa é percorrer o *ethos* humano, e buscar entender como anda a existência; a co-humanidade, e de que forma e em que ponto está. A amplitude da antropologia filosófica convida então a fazer um recorte. E a marca veio nesta envergadura existencial com um olhar para o conflito interno de Kierkegaard e um olhar para o caos externo em Bauman. Cabe, no esforço aqui proposto, entender como se relacionam estas duas potências do ser, e se existe possibilidade dessa relação. A análise metodológica feita será a partir de diálogos. Diálogo intenso feito com os textos citados na bibliografia, traçando um panorama dos autores. E depois problematizando-os, principalmente, os conceitos de angústia e liquidez.

Em um primeiro momento na pesquisa o que se quer é mapear Kierkegaard, entender seus pressupostos existenciais, e adentrar sua saída via fé para a humanidade – o contexto propício do pensamento gerado. O não estar angustiado e o estar angustiado, deve ser objeto dessa pesquisa. A angústia é somente positiva ou negativa, ou seja, é caminho a percorrer. O ser que pulsa essas dores é potencialmente ele em essência. Kierkegaard conseguiu encontrar o homem de fé.

No segundo momento o objetivo é acolher a pós-modernidade líquida de Bauman, principalmente seus traços ligados a relação humana. Percorrer algumas obras e buscar apreender como o conceito de liquidez se faz na pós-modernidade – o fluir das relações. As relações que não perduram, e que não solidificam de que forma são tão sem forma, visto que ganham uma forma

líquida. Que prisma seria esse da liquidez. E de que forma essa liquidez afeta a constituição do ser e da humanidade. O ser de e da relação aprisiona-se agora em si mesmo. É busca nessa pesquisa entender se de fato a liquidez é apenas negativa ou se ela abre portas para uma crise e construção humana. Visto que muitas vezes os passos de humanidade foram dados no construir e desconstruir.

Já em um terceiro momento o que se pretende é alcançar uma possível ponte de diálogo entre o homem angustiado e o homem líquido. O que o homem angustiado tem de liquidez, e o que o homem líquido tem de angustiado seria possível buscar. O fato de não encontrar o diálogo de aproximação, é o que afasta a experiência existencialista de angústia da perspectiva da humanidade líquida. É intuito também desenvolver as limitações da liquidez e da angústia quanto ao problema da antropologia. É possível, portanto, que abram portas esse encontro existencialista-líquido. Mas, contudo, é possível que possa travar algumas janelas de reflexão.

## **Parte I: Um mapeamento do Existencialismo de Kierkegaard:**

Como havíamos citado, o primeiro momento é a geografia filosófica de Kierkegaard que nos interessa. Num lugar improvável para a filosofia desabrochar, a fria Dinamarca e com elementos que poderiam fazer dele um novo Santo Agostinho - o cristianismo - esse filósofo nos apresenta, além de uma nova perspectiva uma busca humana: o existencialismo. A sua experiência familiar o marcou profundamente. O mais novo e filho da velhice, pois o pai e a mãe eram bem idosos. Talvez desnecessário, mas é existencial. E concreto. É no lar que começa a filosofia do 'Severino do Cemitério' (uma tradução do Doutor Ricardo Quadros, na Conferência Glocal SP). Esse ser sem expressão poderia assim passar. Mas não passou. O pai era pastor luterano, e se culpou profundamente pela gravidez da futura esposa, antes do casório. O que trouxe uma profunda crise de fé. Estes elementos que parecem meramente teológicos, em Severino o tornarão familiar, filosófico e substancial. Jesus, o Cristianismo, Deus seriam elementos pouco importantes na reflexão



filosófica existencialista, porém vivificantes neste jovem que começa a escrever com 19 anos e só para próximo a sua morte. Os terremotos surgem na vida do apóstolo da existência o que vai moldando sua filosofia, nos degusta com isso Emmanuel Carneiro Leão. E um dos terremotos tensos deste apóstolo existencial é saber que é filho de um estupro. E ali, abandona sua família, e torna-se errante. Todo deserto e prisão é campo fértil para a reflexão, para grandes mentes. Outro terremoto podemos entender que é o próprio inesperado perdão ao pai, e a perda de um grande mestre P. M. Muller, ambiente propício para a obra *Conceito de Angústia*. O último terremoto de sua vida resposta a uma revista que o criticava na obra *O instante*, após isso morre em 1855 recusando os sacramentos. Para Heidegger, Kierkegaard foi o único escritor religioso em sintonia com seu tempo.

Mas não podemos menosprezar o Severino do Cemitério. Pois ele age como Nietzsche e afronta o cristianismo. Para o filho deste pai em conflito é lógico, porém com uma metodologia menos radical que Nietzsche existe uma desconstrução do cristianismo. Sobrando apenas um cristão, talvez, o próprio Cristo na cruz. O que existe é uma proposta e não uma vivência. Mas a influência da Reforma Protestante já coloca este jovem em atitude crítica. O corcunda e solitário precisava administrar a herança de sua família que não era apenas financeira, mas também um patrimônio existencial; um incômodo; uma angústia. Essa angústia hoje seria bem traduzida por ansiedade. Após Kant e Hegel a Filosofia se curvaria sobre a própria humanidade, e surge, assim, uma metamorfose existencialista. O Severino corcunda do cemitério traz conceitos importantes para pensar o humano: autenticidade, escolha, angústia entre outros. Aqui, já apresentamos o quanto o que se constrói de Filosofia é movido por vida concreta. Então existia o lançar-se a fé sem garantias, a questão da angústia, a urgência ética abraâmica, o crescente subjetivismo, a contestação ao cristianismo e o potencial existencialista.

## **O lançar-se a fé:**

A fé é ressaltada, pois ela é condizente no que se propõe na perspectiva de olhar o humano com a consciência cristã, a contragosto de qualquer modernidade. Como coisas não combinantes, não misturáveis, que remonta a construção da modernidade que precisou separar o que é laico do que é espiritual; o que é científico do que é místico. E ação de Kierkegaard como um monge no deserto moderno vem imbuir o sujeito de um desespero até a morte. O lugar de fé, do temor a Deus, tudo isso seu caminho existencialista. Esse caminho é de escolha humana, e é um desentoar frente aos outros viventes.

Na potencialidade sartreana condenados a *liberte*, escravos da escolha de todo momento. O ser, em essência-existência que escolhe o seu viver, sem comandos e nem amarras, sem vozes nem destinos. O faça-te a ti mesmo. Onde sua própria consciência se faz existência. O Ser encontra sua individualidade, particularidade, ser o que é, mesmo que não possa ser. Surge a oportunidade de escolher-se e fazer-se. E desfazer-se. Agarrado a sua experiência religiosa e por sinal bem familiar, inicialmente se filia a ideias de Hegel, mas depois achou muito pouco a existência ser somente conceito. A existência transmuta-se em desespero - fé.

## **Uma questão de angústia**

Para Jean Wahl uma provocação a Sartre que observa a angústia como ausência de conceito, ou seja, o inverso disso é a constatação de Kierkegaard. Ele propõe uma angústia que move e não uma angústia que imobiliza. Ele nos traz o desespero que é a experiência do vazio. Nada nos preencheria. Nem ética, nem estética. Em suma, cabe retratarmos que algo que potencializa este filósofo como o pai de Kierkegaard carregava uma teologia que tinha uma melancolia; a consciência de pecado; de punição devido ao fato de ter engravidado cedo sua esposa. A angústia do filósofo tem suas fontes aqui. E a angústia se potencializa como objeto problematizador da filosofia. O humano da relação como ser de relação do existencialismo. Cabe conceituar a angústia como potência do ser existente. Precisamos sair da tensão da angústia

existencial a partir de três caminhos: estético (relação consigo mesmo), ético (relação com o mundo) e religioso (relação com Deus). O homem nunca está em paz com o seu jeito de existir e isso é a angústia do humano. Dessa forma, o ir além desta angústia existencial precisaria dos três passos citados.

### **A urgência ética abraâmica:**

O desespero que domina Abraão é praticamente algo que o cega – é algo forte e presente neste filósofo. A questão que se quer é que entendamos a Abraão. Como entender um Deus (ou deuses) que pedem tamanho sacrifício. Que sentido teria esse pedido. De qualquer forma vale notar que Abraão é pai de 3 grandes religiões monoteístas do mundo: judaísmo, islamismo e cristianismo e é claro estes filhos têm também uma grande mãe: Sara. Ao observar Abraão, é como se Severino do Cemitério percebesse neste homem uma capacidade do desesperado que vem a espiritualizar-se. Esvaziado, retirada toda sua humanidade, ali, iria se encontrar, e *religare*. Se religar com Deus, consigo mesmo, com sua família, e com a natureza. O desespero aprisiona até mesmo o Tritão (mito incorporado do desejante que algo busca) e é seu coração que ele prende. Dando a dimensão do desespero ele aparenta querer tornar um pouco místico este aprofundar-se no desespero. Agora, entrando de vez no desespero humano – doença até a morte, uma reflexão a partir da tradução de Adolfo Casais Monteiro.

### **Crescente subjetivismo:**

A autoconsciência, que é um encontro consigo mesmo, o relevar-se não do Outro, mas do Eu é a experiência do desespero, a gênese dos desesperos, a fonte de todos os desesperos, o ápice dos desesperos, o alfa e ômega, o olhar a si mesmo, o olhar para o espelho, o olhar reflexo.

## **Contestação ao cristianismo:**

Com sua base religiosa Kierkegaard utiliza os conceitos de queda e pecado, o ser humano se desvia de si mesmo, do projeto do seu espírito. Por debaixo da pele da felicidade existe uma camada mais profunda que é angustiante, que é o desespero. Em certo momento é mencionada a preocupação com o cristianismo em sua filosofia, enfim a dimensão religiosa. Kierkegaard transmuta-se em um proto-Nietzsche, mesmo que pareça ele um ávido e mero seguidor do cristianismo. A dificuldade para o humano caminhar com o cristianismo é colocada como uma espécie de dificuldade de entrar na dinâmica do desespero, de ter um estado 'a-espiritual'. Torna-se a-espiritual, pois Kierkegaard a maneira de Nietzsche desconfia do cristianismo vivenciado. Aqui, neste ponto, fica demonstrada a contestação ao cristianismo:

Mas digamo-lo sem hesitar, essa pretensa sociedade cristã (na qual, aos milhões, as pessoas são cristãs como se nada fosse, de modo que se contam, exatamente, tantos cristãos quantos nascimentos há) não é apenas uma mesquinha edição do cristianismo, crivada de gralhas extravagantes e de vazios ou acrescentos ineptos, constitui até um abuso em relação a ele: profano. o. p. 411 (PENSADORES)

Por fim, a vivência da fé da Igreja na Dinamarca nos aponta que ela está vivendo o hedonismo, isto é, foge do que o Cristianismo propõe e se mistura com o mundo. A partir deste contexto a Existência é algo construído, é possibilidade, é conquista paulatinamente. O ser com o mundo; consigo mesmo e com Deus. O esteta busca construir-se; é o Dom Juan (na obra Diário de um sedutor) tentando preencher seu vazio existencial. Passando pelos estágios o humano precisaria da Ironia para chegar ao estágio ético (na obra Temor e Tremor). A razão não resolve o vazio existencial. A fé então será a possibilidade de se vencer o vazio, é o último estágio para se alcançar a existência humana.

## **O potencial existencialista:**

Sócrates por vezes é apreciado como aquele que sabe se desesperar e morrer. Ele possivelmente encara, vivencia e pratica o desespero, e a sua desconstrução da *physis* para criar o antropos deve ter passado por um amplo exercício epistêmico. Seu olhar a vida fez da vida uma possibilidade de filosofia. Ao trazer a pergunta ao peito, o humano teve oportunidade de potencializar ainda mais a filosofia, e não a deixar mera escrava dos astros, das teses incessantes sobre a *arché*. É possível que a *arché* e a *physis* tivessem seu começo dentro daquele que pergunta. Sócrates se rebela. A pergunta se volta para aquele que pergunta. Sócrates é, assim, possivelmente o primeiro existencialista.

## **Do conceito de angústia para uma era de ansiedade:**

A existência é angústia. O conceito de angústia para nós é ansiedade – é algo fundamental no corcunda do cemitério. Ele se esconde até no escrever. A obra *Conceito de Angústia* está atrás do pseudônimo Johannes Climacus<sup>1</sup>, mas conseguimos perceber a preciosidade do que nos ensina. A angústia se aproxima de uma forma surrealista, algo que nos desfoca, que provoca medo e dispersão. O poder escolher é profundamente angustiante. O poder-se é um mal necessário, é o peso real da responsabilidade correlata à liberdade. O humano angustiado é o humano do vir a ser livre. A doutrina do espírito subjetivo está aqui, é a psicologia, ainda sem casa. O dogma do pecado originário é um convite forte para o mergulho subjetivo. Navegar pelo conceito de angústia é perscrutar o elemento primal, existencial do que nos faz humanos. Ricoeur nos aponta que o pecado, a queda humana não é como em Santo Agostinho algo que vem do humano, mas sim algo que leva o homem a agir assim. Adão desta forma é o homem, mas não a humanidade. Neste sentido o pecado não é de todos, e sim de cada um. Existe aqui a escolha do sujeito responsabilizado por seu ato.

---

<sup>1</sup> “A Escada da Ascensão Divina” é obra de Johannes Climacus, um monge escolástico que buscava elevação espiritual.

A vida que se dizia cristã o angustiava. A angústia é a própria existência. A angústia vive e vivifica. Ela perpassa todas as condições do humano. Está no encanto e no desencanto. Está no *ser* e no *não ser*. A angústia se dá quando se esconde, somente aparece quando se retrai e se oferece quando foge. No obscurecer do sentido surge a angústia. É o silêncio da existência. O sentir estranho de nós mesmos. Tornar-se presente na ausência, eis o caminho existencial do humano. Sem angústia não alcançamos a liberdade. Quem precisa escolher, precisa sofrer de um provérbio germânico, pois quem passou na vida sem se angustiar, não existiu.

Toda criação é um salto, um salto na singularidade, dentro da experiência de angústia. É o risco que se arrisca. Para a existência a resposta não está nem no ponto de partida; nem na tese; nem na negação antítese hegeliana e, muito menos na síntese, e nem na pretensão de uma visão totalitária conclusiva. A existência finita é caminho para a resposta e tentativa de superação do idealismo de Hegel. Foi necessário demolir os sistemas lógicos e metafísicos para encontrar o indivíduo; o humano. O agente de toda a transformação do humano é o indivíduo. Nenhum homem pode viver sua existência preso dentro de um sistema. Fosse a humanidade portadora da evolução em seu DNA haveria apenas fatalidade, e dispensaria a angústia e a liberdade. Existe uma singularidade original, e a fé cristã trouxe a possibilidade de encontrar esse paradoxo.

## **Parte II: Bauman e a liquidez de um tempo**

Nossa proposta foi de num segundo momento mapear Bauman e o conceito de liquidez na busca de entender o humano. Filho da machucada Polônia, Bauman era filho de judeus e sentiu na pele as dores da guerra, recebeu refúgio na URSS. Do Partido Operário passou a professor de sociologia da Universidade de Varsóvia, e passou do marxismo à crítico deste movimento. Busca exílio em Israel, pois foi expulso da Polônia no ano da juventude em 1968. Contestar lhe custou caro. Talvez nem tanto, pois foi daí

que se levantou uma das maiores vozes anticapitalistas da contemporaneidade.

Sua obra por mais que nos fale da sociedade, nos revela muito sobre esse homem da pólis contemporânea. O seu pensamento sociológico encontra na modernidade certa ambivalência. Persiste uma existência em fragmentos. O mundo globalizado apresenta um mal-estar, e este mal-estar da civilização traz a fragilidade dos laços e das instituições. É a vida do medo e do consumo nossos Estados em crise. Se tudo é sólido e se desmancha no ar, existe uma chance dessas partículas se reencontrarem e algo novo se formar. A ladeira abaixo, não é apenas de uma onda pessimista, catastrófica e apocalíptica, por mais que seja óbvio, abre caminho também para um renascimento humano. Longe de uma perspectiva hollywoodiana e messiânica a crise; o caos; o desfazer criam espaços para um novo fazer.

Algumas questões podem ser levantadas, pois se são tão fluídos os laços, nada fica. Não existe, por exemplo, tradição. Contudo, a supremacia do subjetivismo, não poderá dar passos apenas de escolha, mas também de contradições e de aprendizagem com o já deixado.

“Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.” (Wikipédia, 16 de janeiro de 2019, 08h16)

Em suas obras Bauman traz o desgaste do mundo, a problemática do imediatismo que a tudo consome. Ele constrói um cemitério do afeto, e vê o amor como problema, como algo que por si só já trazia cargas de sofrimento, e no bom brasileiro - saudades -, agora marcas de não deixar marcas. De ser algo que é meramente isso, algo que se *nadifica*. Vivemos somente o presente, passado e futuro não importam, contudo, o tempo presente se converte em gotas de momentos que se esvaem.

O sentimento de angústia, ou de ansiedade é fortemente presente, seja pelas frustrações existenciais, seja pela inviabilidade de um projeto de cidade global. É um grande desafio que se apresenta. É possível que não saibamos conviver mais, contudo é a convivência que nos constrói. Seremos cada vez

donos de nosso destino, mas isso pode trazer uma série de riscos como um egocentrismo, o aumento de violência, depressão, medo generalizado. A identidade social precisa de pequenos laços até formar laços maiores. Mas esses laços estão fragilizados, e em alguns casos até mesmo apagados, identidades são sufocadas. É a tese da mecanização do espírito que surge no *Amor Líquido*. O humano mecanizando o espírito perde ancestralidade, e a nosso ver perde também utopia. É escravo do presente.

É o fim das instituições. Esta era da fluidez traz a fragilidade de tudo e do todo. O amor converteu-se em *fazer amor*. Algo de desilusão está no cardápio da modernidade. A insatisfação, contudo, é sempre algo esperado dentro dos produtos consumíveis na grande prateleira da vida. Surgem machucados afetivos, psicológicos e intelectuais; de feridas na pele da alma que reconfiguram qualquer ser existente. Perdemos em interioridade e viramos merchandising. Não se trata de em tempos fluídos nem existir. Tratar-se-á de existirmos muito pouco. Muito rápido. Sem tempo de sentirmos o tempo. O tempo fluido esgota as possibilidades de encontro.

Tudo se torna mercadoria, até mesmo o amor. E o que se vende é o que não se vê. Causando maior fascínio naquele que compra. E nesta lei da oferta e procura, a insaciedade precisa ser plena, a insatisfação perene para a roda do mercado continuar. Bauman insiste com a nossa capacidade de amar. Algo que agora cai no campo da raridade. Um robô ficcional que tenha a capacidade de amar, *I.A* ou o *Homem Bicentenário* que anseia morrer humanamente, somente demonstra o quanto deixamos de sermos nós mesmos. Mas o amor é – *Eros* – e move a mão que se estende na direção do outro, mas mãos que acariciam também podem prender e esmagar (Bauman: 2004). A grande questão é como poderemos reencontrar o amor, visto que ele está em crise. É o amor que tem a capacidade de catalisar e unificar. O amor nos perpetuaria no desejoso caminho da liquidez, que é consumo e autodestruição.

Existe então a hipótese de nesse grande shopping da vida termos transformado a vida em mera tentativa de satisfação de impulsos supérfluos. É inaugurada a Era do Mercado, a Era do Shopping, a Era do merchandising onde a durabilidade do ser é algo com data preestabelecida. A validade de tudo é fugacidade. A existência é o 'curto prazo'. O povo cordial brasileiro tem



perdido sua dimensão de afetividade e de coletividade. Vivemos por exemplo no ano de 2019, uma epidemia de feminicídio. A sexualidade brasileira é 'fonte de opressão, desigualdade, violência, abuso e infecção mortal' (Bauman: 2004, p.41).

A reflexão em Bauman desnuda o humano e revela um humano inseguro; migalhas; self virtualizado; pormenorizado; minimizado; frangalho de um universo. O ser da ansiedade, das mutações contínuas, do nada que marca, nem fica nos rios de Heráclito. A busca incessante se faz não pela causa, mas por nunca encontrar satisfação. Trata-se de uma batalha existencial, batalha de destino, uma busca incessante pelo outro, que no fundo é uma busca incessante por si mesmo, e que nunca se sacia. O humano dos selfs, chats e status fogem da solidão, e acaba encontrando ainda mais solidão nos pseudo sites de relacionamento. Não existe encontro, nem conteúdo, ou até existe, mas é o menos importante. O ápice destes novos relacionamentos é o fluxo. É uma interação sem interação, é um relacionamento de paradoxo. Surge uma nova categoria de excluído. O excluído por alguém num chat. Esses lugares virtuais casam dois entes importantes para o capitalismo: consumismo e a aparência. Na visão de Bauman a sexualidade\afetividade produz o diferencial humano na natureza que é a cultura. E a afetividade humana encontra-se doente. Neste sentido, nossa base estrutural que é a cultura está em crise, e um dos remédios civilizatórios é o consumo. A cultura do consumo é a física e a metafísica do homem líquido.

O homem líquido é o homem do consumo. As relações foram trocadas pela contabilidade. A sexualidade tornou-se lugar do desespero humano. A ordem do supérfluo coordena o cosmo. O *homo consumens* se apossa da racionalidade e da sexualidade. A essência deste *homo* é a indiferença, o desprezo que rima com o descarte. Passar simplesmente, pois tudo é meramente e simplesmente líquido passageiro.

Ser pragmático, ser utilitarista, não seria algo tão ruim para a atitude humana. O 'jeito americano de ser'. Dar uma finalidade, dar uma atividade, uma objetividade, uma racionalidade as coisas. Contudo, os meros cálculos não trazem apenas a lógica da vida, mas também a falta de lógica da vida. O reducionismo do viver, do existir, visto que nem paramos para fazer isso,

apenas passamos na vida. O que se vive é a epidemia no 'novismo' do 'imediatismo', se não cantar essas músicas, se virar rotina, caíram as máscaras do tédio, da insatisfação e da indiferença. O *Homo consumens* é o ser que vive do passageiro, do sucesso, da aparência, ele não acumula, passa pelos produtos do Grande Shopping que é a vida, até porque ele mesmo é produto. É por isso que dificilmente encontramos uma Associação de Consumidores Conscientes. Certa vez, encontramos um grupo em São Paulo ligado a uma Igreja. Uma experiência ligada ao Bem Viver, ao Bem Consumir, ao Consumo Sustentável e sem agrotóxicos. Uma experiência ímpar. Talvez única, num universo de mar de lama do desperdício de Mariana à Brumadinho, do fogo Amazônico, a lama não identificada nas praias nordestinas ou a Geosmina contaminando a água do Rio de Janeiro.

Bauman traz uma reflexão de Jonathan Rowe para demonstrar o quanto essa comunicação não comunica. É mais uma antirrevolução na comunicação do que comunicação que se amplia e abre novos caminhos. Aqui não importa os interlocutores. E necessário nessa Linguagem Líquida pensar novos modelos, novos canais como fator dispersante e desviante da própria comunicação - é uma situação no lar, em que todos estão ali. A mãe amamenta o filho, as crianças comem biscoitos e o pai está preso ao celular. A revolução da comunicação que é a internet, o celular<sup>2</sup> é a antirrevolução é uma não comunicação. Os olhares não se encontram mais. O controle está a partir do olhar, do controlar o que olhar e como olhar, enfim constrói-se uma desconfiguração do olhar. Caro para a Filosofia, para uma Ciência que se preze e uma Arte que ainda se venere. A virtualidade retira a pressão da realidade. Viver em fuga tornou-se o existir. Outra importante característica do *homo consumens* é a qualificação e desqualificação das coisas – tudo gira em torno da ideia de mercado. Tudo tem um prazo de validade bem pré-determinado. Os produtos já nascem para se estragar. O *homo consumens* devora o *homo faber* e o *homo polis*. Este é o tipo de homem

---

<sup>2</sup> O Celular surgiu como um grande elemento de crítica, que traz a desconstrução do sujeito já a partir de sua infância, pois inviabiliza o ser em nome das praticidades, o ser é roubado pela imagem, uma reflexão do Grupo Poetas do Vagão num Sarau no RJ, 2019. O Centro do Teatro do Oprimido, traz também uma crítica, ao que vivemos, trazendo que hoje existe uma ditadura que se dá pelas imagens.

que o mercado quer, que os séculos reergueram. Um homem solitário e nada solidário. Um homem para as suas próprias satisfações e meritocracias. Como nem todos podem ir ao shopping center, eles vieram até as pessoas através da internet, enfim, de todas as formas de se tentar não apenas manipular, mas criar a esfera simbólica de cada ser. Assim todos migram para o shopping center, mesmo que não tenham condições o sonho dele é se aproximar. A sociedade excludente impedirá o avanço das pessoas, mas as conduzirá a naufragarem tentando atravessar as tempestades e chegar ao oásis perdido do consumo. Até o mais comunista dos seres, até o mais anarquista terráqueo, fará como todos: consumir. O consumo é um risco para o planeta, mas pode ser o ponto final da humanidade. Mas existe uma luta não velada dos consumidores, conectados e capitalistas contra outro grupo. Este grupo é dos que invertem a moeda, e propõe a solidariedade; a compaixão e a sustentabilidade.

A escolha de uns em detrimento de outros, a humanidade para alguns e aos outros a desumanidade só coloca em xeque nossa condição humana. Para retratar isso Bauman exemplifica com *A lista de Schindler* por Spielberg. Esta é uma lista que salva, mas ela mesma é excludente. Segrega alguns e outros não. Não por Schindler, que precisava de um olhar frio e uma ação calculista e mercadológica para conseguir trazer quem ele 'quisesse' para conduzir sua fábrica de fugas, mas pelo olhar da plateia, de telespectadores que não conseguem perceber os que estão 'fora da lista de Schindler'. Viver não é mais viver, muito menos o conviver possível de Kierkegaard, mas sobreviver.

A todo o momento existe uma profunda artificialidade dos relacionamentos e do próprio ser. A crise dos relacionamentos cria pessoas em crise. Como é próprio do capitalismo se alimentar de crises, não seria estranho deduzir que estas crises do ser, da existência, do sentido e dos relacionamentos não têm uma profunda ligação com os interesses do Estado-Mercado. Toda a espécie de não possibilidade nas relações, instituições e produções humanas foram construídas - somos codependentes, mas criamos uma esfera de individualidade na qual não nos permitimos notar o outro. A invisibilidade, indiferença, exclusão e demonização do outro ocorrem até

mesmo para aqueles que ousam viver a dois. Knud Logstrup serve de fundo para Bauman, e a destruição da sociabilidade, do homem cordial de Da Matta, mesmo com suas limitações é um projeto civilizatório, colonizador e construtor do *homo* fluído do século XXI.

A cidade líquida não é lugar de encontro, não tem praças, não tem pontos, lugares de lazer, apenas é para a passagem: do entretenimento, da violência, da religião sem ação, da passeata sem voz, de qualquer coisa que se venda. Cidades fluídas são fantasmas, são modelos das demais cidades. A cidade global é o 'não lugar', não no sentido da utopia de Thomas Morus, nem na tão sonhada *Civitate Dei* de Santo Agostinho, mas na maior potencialidade destrutiva de humanidade e transitoriedade. Vivemos a eternidade do momento, não em profundidade, mas em escassez, em fome que não se sacia. Essas cidades globais serão protótipo das cidades ocidentais. E até mesmo no Oriente se busca uma ocidentalização. Assim como as cidades portuárias da Espanha serviram de modelo para as cidades criadas para os grandes eventos. A quebra das relações se dá na melhor performance de 'dividir para controlar'. A Aldeia global aproximou para separar, e separou para trazer a ilusão de que todos no mundo estão conectados. A ditadura da mundialização traz em seu bojo uma estrutura de comunicação negativa. Não existe encontro, a virtualidade é nosso espírito de decadência como nos ensina Arcângelo Buzzzi.

O ser é retirado do seu contexto histórico, filosófico, existencial e territorial. Como então conceber o ser, somente será possível sua invisibilidade. Estamos na Antártida de nós mesmos, existe, uma vantagem no vazio, estamos sem donos. A desconstrução do eu, e sua anulação abre espaço não para o *delete* da vida humana, mas talvez para o recomeço, pois a imprevisibilidade é humana. Conseguimos detectar a morte local, com impactos para nossa familiaridade (afeto, a psique e a espiritualidade) e nossa sociabilidade (política, intelecto e a civilidade). O mundo global amplia a distância entre teoria e prática; entre o local e o global; e, ganhamos desafios que estão além do que possamos imaginar, pois ser cidadão local já é complexo, e como será então o cidadão global. Entre a coletividade e a individualidade escolhemos o que nos traz o instinto da sobrevivência da individualidade.

Uma belíssima construção do *homo consumens* é a cidade totalmente voltada para esse interesse. O humano mergulhado no drama de si mesmo vive incessantemente sem sentido e sem saber por que; trabalha demasiadamente para sobreviver, passa ao largo da vida, e compra para aliviar a dor de sua exigência\existência. Compra até mesmo sua capacidade de compaixão. É impossível não perceber como a sociedade do Panóptico estudada por Foucault esteja tão presente. Uma sociedade do punir e vigiar controles necessários às dimensões mercadológicas do reducionismo da vida. Os condomínios por si só já são uma denúncia de que as cidades não deram certo. Acabou o quintal da família, a praça dos idosos – só restaram as lojas. E muitas lojas. O mercadinho e a padaria são agressivamente maiores, para abocanhar todos os nossos sentidos, e para retirar de cada um de nós isso. Os sentidos, e o sentido. Como a transitoriedade é próprio da cidade líquida ela cria a todo o momento a mixofobia, que é a necessidade de estar em locais diferentes. A cidade é ao mesmo tempo atração e dispersão. O líquido converte comunicação em informação, o acesso ao outro em compartilhar, curtir e dar *likes*. Nascemos na dependência coletiva, porém o contexto é outro, e a individualidade nos perfaz por inteiro, até mesmo nossas dimensões de interação. E construímos não mais convívio e sim insegurança.

O retrato do *homo* líquido é este de seres do descontentamento, da insatisfação do medo e do acentuado discurso do ódio. Uma sociedade do encarceramento dos ‘de dentro’ (pseudocidadãos) e os de fora (forasteiros). E cria-se aquela sensação de justiça, do ‘oásis perdido’ – projetado para o futuro ou o passado. O comunista é aquele que sonha o futuro, o liberal é aquele que sonha o passado. O Outro é necessário, mas não para a construção da co-humanidade, mas para a desconstrução dessa humanidade inter-relacional, pois o outro é o forasteiro. Cria-se o inimigo para criar-se um artificial sentido de pertença daqueles que se protegem deste forasteiro. Ele é a fonte das doenças, do crime enfim, é o Apartheid existencial no vale-tudo da vida.

Poderíamos preconizar uma cidadania comum, mas construímos uma ilha de excluídos e muramos as relações. A arte de governar se converteu em controle. As advertências filosóficas se tornaram placas e escolhemos construir a civilização do caos. O Estado Capitalista não aguentaria todo o planeta numa

artificialidade do Bem-Estar Social. Sendo assim, surge a aldeia global com a ideia de proximidade, de fim de barreiras, de formação de blocos. Mas, as inimizades permanecem. É o que apontamos acima, a opressão se converte agora em exclusão. Os forasteiros, os transformados em bárbaros de uma barbárie civilizada são esses cidadãos de papel, algo peculiar no Brasil pós Constituição Cidadã de 1988.

Quando trata da modernidade como ambivalência é retratada o auge da descartabilidade e fundamenta-se via Benjamin este retrato e novo lugar da humanidade em um amontoado de restos e detritos; a existência sem a possibilidade de reconstrução, pois tudo é descartável. Bauman impele observar a fluidez do tempo evocada em W. Benjamin e a grande dose de descartabilidade que tudo isso traz:

Como observou Walter Benjamin, a tormenta impele os caminhantes de forma irresistível para o futuro ao qual dão as costas, enquanto a pilha de detritos diante deles cresce até os céus. (Bauman: 1999)

### **Parte III: Uma possível ponte entre o Severino do cemitério e o líquido de Bauman**

Chegamos nessa terceira parte da pesquisa buscando uma possível ponte entre Kierkegaard\ansiedade é em Bauman\arquétipo da busca incessante. É a busca incessante do vazio que não se sacia. No Severino do cemitério existe a busca de si mesmo. O humano quebra a rotina, mas existe uma possibilidade via fé, via um cristianismo não experienciado, mas, contudo, proposto. Mas qual será agora a rotina humana, quando da própria humanidade carece o humano. O destino, o tempo, a rotina tudo transmutação contínua, de um nada que passa, nem marca, nem fica. É feita a ditadura do presente. Somos uma verborreia presente; uma consciência do universo, que desequilibra e tudo atropela. A consciência e a razão de ser do universo não têm conseguido se fundamentar para uma existência equilibrada do cosmo. E nem mesmo a fé, nos perdoe o ardoroso profeta Severino do Cemitério, mas nem mesmo a fé tem freado nossa desumanidade.

Contrariando-nos Severino do Cemitério dá o salto no escuro, ele aponta como saída para o sentimento de angústia, e conseqüentemente para nosso conserto como humano simplesmente a fé. Em Bauman o salto no escuro é a inexatidão que passa principalmente pelo que nos afeta – amor é um salto no escuro. Numa espécie de antropofagia o amor devora a si mesmo em busca de mais amor, e não em busca de amor. E o amor sempre inexistente da fluidez é a prima irmão da ansiedade angustiante da existência.

Para Bauman, essa busca do relacionamento que quer segurança e acham o contrário, é o caminho da ansiedade humana. Seria a fonte de tantas violências entre nós. Criamos redes sociais para comprovar o quanto somos antissociais, pois estamos distantes dos outros e também de nós mesmos. O encontro possível que Kierkegaard via na crise, numa ansiedade transbordante do sujeito, em Bauman é uma não possibilidade.

Encontramos em Paloma Lima com a orientação de Cristiano Cerezer uma aproximação de Kierkegaard e Bauman atravessados pelo Eros, que consideramos também importante para nossa pesquisa. No início do texto falamos do *drama da fluidez*, o amor passageiro contemporâneo. O banalizado amor virará problematização com a autora. Kierkegaard, o pioneiro do existencialismo vem embasado de uma experiência, apesar de angustiante, busca a relação humana e o amor é central nessa busca. Ou seja, os dois autores de certa forma estão orbitando em torno do amor. No Severino do Cemitério, apesar de sua experiência amarga, existe uma esperança para a antropologia e a fé, que se volta para um Deus\amor que se entrega abraamicamente falando. O amor não tem vez na contemporaneidade, não que tivesse; mas, é uma possibilidade utópica. A liquidez imediatista transforma essa potencialidade humana, o *eros*, numa inviabilidade constatada.

O caminho existencialista será forte tanto em Nietzsche que escolhe um caminho de negação, enquanto Kierkegaard que segue um caminho de afirmação do cristianismo. Ambos a nosso ver, estão no drama da relação e na angústia da decisão apenas em caminhos diferentes, mas um cooperando com o outro visto que ambos trazem uma crítica ao cristianismo não vivenciado. Se o potencial é relacional na existência chegamos a um impasse visto que o mal-estar da civilização contemporânea é a nossa incapacidade relacional. A

liquidez vem liquidar todas as relações humanas, pois está em curso um processo de desumanização. Tudo escapa, mas propostas fundantes e radicais podem sobreviver em tempos de caos. Encontramos a Filosofia do amor, se é possível o amor. Algo tão inquietante para os mortais, mas tão pouco experienciado entre nós, mesmo o amor tornou-se mera mercadoria. Mesmo o amante, quiçá, também mera mercadoria. O humano compreendeu o quanto ele é o transeunte no mundo, e apenas passa o instante humano, é a brevidade da humanidade que rompe o século XXI, século decisivo para nossa eticidade. É possível que nem o amor reste, pois ele seria a base da ética do cuidado. O cuidado conosco mesmo, com os outros e com o planeta. E não apenas utilizarmos a economia de forma fria, com as operações do deus Mercado. O Eco que deveria soar não deveria ser apenas o do consumo dos bens, mas também do cuidado e administração da casa. E em primeiro lugar da casa comum. Fugimos dessa prerrogativa. Anulamos nossa própria existência e estudamos colonizar outros planetas na contramão de inviabilizarmos a Terra.

O Severino do cemitério constrói a tese do amor-ágape do humano que é possível nesse relacionamento. É o amor da abertura, do desprendimento, de não querer nada em troca. Paloma Lima percebe que este amor está na contramão do que a sociedade contemporânea propõe. É na relação que nós existimos.

A questão do amor não foi algo tão explorado. Quando demos uma passagem, procuramos trabalhar Kierkegaard e Bauman e não a perspectiva de Paloma Melo que seria um elo de interconexão entre esses autores. O amor estimulado muito em Kierkegaard é desprendimento. O amor em si, encontra o amor no outro. O amor imediatista, que rima com a fluidez não consegue ir tão longe. Nesse sentido, existe o amor que se faz passageiro, e o amor do dever universal. Aqui, existe uma contribuição de Paloma ao propor que a transcendência do amor é universal - amar sem medida -, a todos e sem medida, sem colocar nenhuma proporcionalidade. Se for hétero amar, se for homo amar, se for pessoa com necessidade especial amar, se for quem não concordo, em tempos do discurso do ódio, contudo, amar. Amar a quem é indiferente à tua existência, e até mesmo a quem nós nunca vimos. Então,



enquanto, o existencialismo de Severino nos impele para a Ética do amor, a liquidez nos abre os olhos quanto a Era da descartabilidade. Essa era torna inviável o amor. Tudo é líquido, é mercado, é doença de poder e também o amor passa por isso. Tudo sofre de uma profunda carência de sentido e fundamento. É um ter que esconde a fragilidade do ser. (Paloma, p. 60) esse ser de líquido tem fome insaciável que é alimentada para sustentar o consumo instantâneo de Bauman citado pela autora:

A instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades, assim como a resultante tendência ao consumo instantâneo e a remoção, também instantânea, de seus objetos, harmonizam-se bem com a nova liquidez do ambiente em que as atividades existenciais foram inscritas e tendem a ser conduzidas no futuro previsível (BAUMAN, 2008, p. 45) (Paloma p. 61)

A liquidez rima com a virtualidade. Onde tudo passa; onde tudo se vê, e nada permanece. Nada se enraíza. Nada cria identidade e muito menos sentido. Podemos estar assistindo no século XXI a morte da semântica e da essência. Existe um projeto em curso, e este projeto é o distanciamento. É a cultura da negação do outro, da indiferença, aniquilação, exclusão do outro. A correlação se reduziu a um mero interesse. Por isso, fugaz e passageira. Destruir laços não parece um acidente, é provavelmente a nosso ver um projeto.

Esforços para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais (BAUMAN, 2001, p. 126). (Paloma p. 62)

A ignorância não seria um movimento que possibilitaria um ‘verdadeiro desespero’. Mas é também desespero, desespero inconsciente. É mais uma acomodação das massas, o invólucro da maioria. Aqui, se encontra uma interseção entre os dois filósofos. Em Bauman o ser está na ‘ilusão de ser’ e o homem desesperado em Kierkgaard. Cabe notar que em Kierkgaard o desesperado inconsciente é o homem espontâneo, esse se é possível é o

homem do sobreviver; do irrefletido; ser da passividade; da lentidão para si; do estagnar. O *Homo espontâneo* é um ser incompleto e este *homem do imediato* também faz conexões com o *homem líquido*.

Oswaldo Giacoia Júnior, na *Casa do Saber*, nos remete também algo importante de Kierkegaard que nos leva às fontes da filosofia grega ao tratar o tema da ironia. E por outro seu existencialismo reedita a frustração, as limitações vinculadas ao conceito de angústia. O estar no mundo, na liquidez moderna é fuga da angústia, busca-se a felicidade artificial. Adentrar-se em si é perceber que o humano é também angústia, e perceber-se é preciso. A angústia constitui o ser, e leva o humano a sua própria singularidade. É a disposição do mal-estar que mobiliza. É o mergulhar mais profundo na autenticidade. Em cada instante o ser está cumprindo papéis de despersonalização ou fazendo escolhas, e é na repetição que está à redenção humana. Contudo, é contraponto ao líquido. Onde o cotidiano impregna de um desejo de fuga nossa humanidade. Entre a imposição líquida e a necessidade de existência entre angústia e possibilidade de fé, que escolhamos o caminho da ética do amor acima citado. Chega de transfigurar a dignidade humana. É tempo de saber fazer.

#### **Parte IV: Referências Bibliográficas:**

BAUMAN, Zygmunt. **AMOR LÍQUIDO Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro, Jorge Zahar: 2004

BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade e ambivalência**; tradução Marcus Penchel — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

CAMPOS, Fabiano Victor de O. **O CONCEITO DE ANGÚSTIA COMO REFLEXÃO FILOSÓFICA SOBRE A LIBERDADE HUMANA**

CARVALHO, Thales Ryan de. Apresentação de monografia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte. Curso: Filosofia. **Tema: O conceito de Angústia em Kierkegaard.**

LEÃO, Emmanuel Carneiro Leão. **Soren Kierkegaard, Vida e Obra: o apóstolo da existência.**

MELO, Paloma. **O existir humano atravessado pelo amor: a filosofia do Eros em KIERKEGAARD E BAUMAN – UMA LEITURA INTRODUTÓRIA.** Enciclopédia de Pelotas: 2015

**OS PENSADORES**, Kierkegaard, Søren Aabye, 1813-1855. K59d Diário de um sedutor ; Temor e tremor ; O desespero humano / Søren Aabye Kierkegaard ; traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro - São Paulo : Abril Cultural, 1979.

UNINTER

Site:

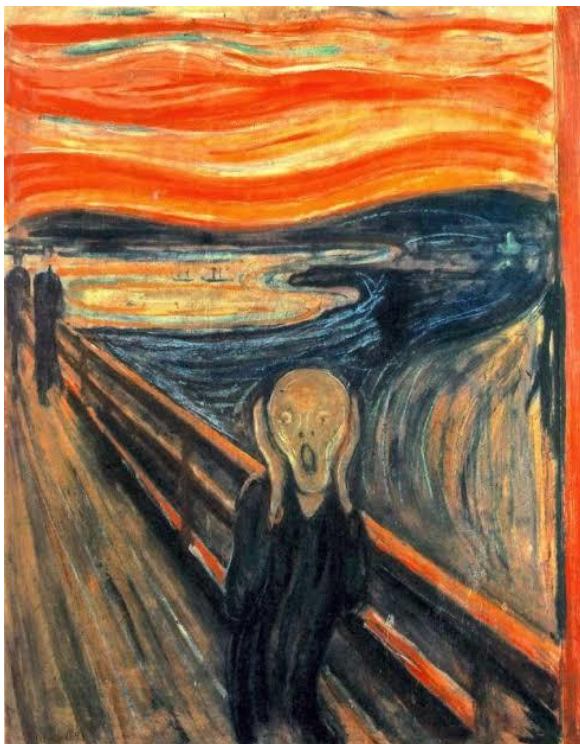
<https://www.youtube.com/watch?v=LRrutzLAR9s> (Acessado 01 de maio de 2019, 10h58).

[https://www.ebiografia.com/zygmunt\\_bauman/](https://www.ebiografia.com/zygmunt_bauman/) (Acessado 20 de junho de 2019, 11h42).

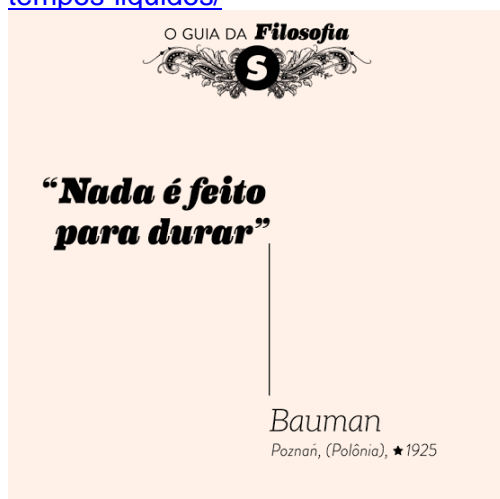
<https://www.youtube.com/watch?v=VjGGI4ERE Ao>, acessado dia 30 de abril de 2019, 12h21.

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/01/17/brasil-enfrenta-superlotacao-carceraria-e-epidemia-de-violencia-domestica-diz-human-rights-watch.ghtml> (Acesso 25 jan 2019, 12h02).

## Parte V: Anexos:



O grito (1893), de Edvard Munch. No artigo: A angústia dos tempos líquidos, Vinâncio Silva: <http://blogs.opovo.com.br/ancoradouro/2017/05/12/a-angustia-dos-tempos-liquidos/>



Fonte: Revista Superinteressante: <https://super.abril.com.br/ideias/nada-e-feito-para-durar-bauman/>



Fonte: Meumorzinho, acessado 22 de janeiro de 2020